

Bode expiatório

Seria construtivo buscar no País as razões fundamentais para nossos problemas

*MARCELO DE PAIVA ABREU**

A notória rivalidade entre ingleses e escoceses serve de base a comentários maldosos como o de que “a gaita de foles tem todos os defeitos, exceto cheirar mal”. A julgar pela opinião de muitos círculos de oposição ao atual governo – até de ocupantes da alta hierarquia eclesiástica, intelectuais históricos, políticos obsoletos –, a “globalização” parece estar em categoria ainda pior do que a gaita de foles para os ingleses: só tem defeitos. É responsável pela crescente desnacionalização do parque produtivo brasileiro, pela vulnerabilidade da economia brasileira às flutuações da economia mundial, pelo agravamento das condições sociais, pela deterioração do desempenho da economia brasileira.

Certamente a maior integração da economia mundial, por meio da liberalização do comércio de bens e dos fluxos de capital, cria importantes problemas de ajuste. Os setores produtivos mais ineficientes tendem a sofrer contração de produção e de emprego, com a exposição à concorrência. A reorientação de investimentos e da capacidade de criar empregos é um processo moroso com falhas de mercado que justificam a intervenção do Estado. A maior integração de mercados frequentemente tem impactos que podem ser considerados indesejáveis no sentido de reduzir, em um prazo mais longo, a diversidade cultural entre países e até mesmo o leque de bens disponíveis. Hoje, em Inverness, coração das terras altas escocesas, é certamente mais fácil encontrar a ubíqua Budweiser norte-americana do que as belas cervejas escuras das terras baixas da própria Escócia.

Mas a globalização tem muitas virtudes. A convergência dos preços de insumos com preços mundiais melhora a competitividade das exportações e estimula a criação de empregos nos setores exportadores da economia. Os fluxos de investimento externo tendem a ser mais bem explicados por vantagens associadas ao preço de insumos e de mão-de-obra do que pela garantia de exploração de mercados superprotegidos à sombra de substancial proteção tarifária. A exposição à competição externa reduz os preços de bens e serviços e, conseqüentemente, aumenta a renda real dos consumidores. A maior exposição a produtos importados pode, em certos casos, reverter às tendências à homogeneização advindas da concentração excessiva da produção. Na Inglaterra dos anos 70 só se comia pão de forma; hoje compram-se baguetes de qualidade quase parisiense em qualquer padaria da esquina.

As críticas à “globalização” são singularmente reticentes quanto às alternativas estratégicas a adotar. Pelo menos implicitamente talvez os saudosistas considerem recomendável a volta às restrições ao capital estrangeiro, a reversão da privatização das empresas estatais e a volta ao protecionismo agressivo. Curiosamente, entre os temas recorrentemente omitidos nesta alternativa implícita estão a necessidade de tornar o Estado solvente em uma perspectiva de longo prazo e, também, uma postura coerente quanto à estabilidade da moeda. Os bons resultados em termos de crescimento econômico, e certamente não de progresso social, de uma estratégia baseada na não-globalização, remontam ao passado bem distante. E, mesmo assim, o surto industrial dos anos 50 – e mesmo em períodos anteriores – dependeu da decisão de conceder ao

capital estrangeiro um extenso leque de privilégios, incluindo tarifa alta. Pode-se afirmar que a opção pela globalização, mesmo que meio torta, deu-se nos anos 50 quando o governo optou pela atração de firmas estrangeiras para dar continuidade à estratégia de substituir importações. A estratégia econômica baseada na economia fechada e na ampliação do papel do Estado funcionou bastante bem até os anos 70, mas depois disso mostrou claros sinais de esgotamento. Será preciso relembrar que em termos de renda per capita a economia em 1994 estava no mesmo nível de 1980?

De qualquer forma à relação causai entre fechamento da economia e melhoria de condições sociais não encontra sustentação na evidência histórica. A economia brasileira tornou-se crescentemente desigual em um período em que a tendência à abertura às importações foi muito modesta. E a deterioração da situação social deveu-se a uma combinação perversa de recursos públicos insuficientes, incompetência do Estado nos gastos sociais e desinteresse no estímulo de virtudes cívicas que se concentrassem na solução de problemas que configuram razão para vergonha coletiva.

A busca do bode expiatório externo é uma opção clássica utilizada no País e fora dele para explicar insucessos econômicos. Há quem atribua o desastre dos anos 80 exclusivamente ao aumento dos preços do petróleo e ao aumento da taxa de juros internacionais. Submersas nestas razões, obviamente relevantes, ficam as muitas deficiências da política macroeconômica interna: prefixações de taxas inflacionárias, falta de ajuste fiscal, e assim por diante. Atribuir hoje à globalização o grosso das mazelas pátrias é, mais uma vez, partir em busca de um confortável bode expiatório externo. E, além disso, é falso. Não há resistência à globalização que possa substituir a estratégia de fazer bem feito o que o governo Fernando Henrique Cardoso se propôs em 1994: estabilizar a moeda, abrir a economia, reformar o Estado e concentrar mais recursos na área social.

* Marcelo de Paiva Abreu é Professor do Departamento de Economia da PUC-Rio.